

O balífulo e o bajubá: corpo e letra a partir de Joyce e Amara Moira

Miriam Chnaiderman

Miriam Chnaiderman é psicanalista e documentarista, membro do Depto. de Psicanálise. Professora do curso de Psicanálise. Doutora em Artes. Lançou em 2024 o livro *Uma psicanálise errante*, pela editora Blucher.

Agradeço a Bruno Gueldini pela interlocução durante a redação deste ensaio.

Resumo Uma reflexão a partir de textos de J. Joyce e Amara Moira, passando por Caetano Veloso, sobre a possibilidade de uma criação infinita dentro da própria língua. O português passa a ser pretuguês (tal como Lélia Gonzalez propôs) e bajubá (língua das travestis e que Amara Moira utiliza em seu romance).

Como romper com a hegemonia do patriarcado em nossa língua? A partir da constatação de que toda língua traz uma dimensão que é política e ideológica, Lacan com Joyce e Amara Moira com Joyce apontam caminhos que irrompem no cotidiano acomodado em que nos movemos.

Resgatar a letra em direção à lalíngua, pensar o *sinthoma* tal como Lacan propõe instaura possibilidades inusitadas de formas de estar no mundo.

Palavras-chave lalíngua; língua; sinthoma; linguagem; letra; corpo; signo; travesti.

DOI: 10.70048/percurso.74.9-18

O termo “balífulo” aparece no capítulo 6 do *Panaroma do Finnegans Wake*, de J. Joyce traduzido por Augusto e Haroldo de Campos. Assim é o texto:

E eles viterberaram um ao outro, canis e celuber, com os mais brevíários barbagnos desde que Tarriestimus fustigou Pissaphaltiu.

– Unucorno!

– Ungulante!

– Uvuloide!

– Uisquisito!

*E balífulo respondeu a voleibula.*¹

Finnegans Wake é o último romance de J. Joyce, tendo sido publicado em 1939. Joyce passou 17 anos escrevendo e construindo uma linguagem radicalmente nova, onde a literatura sempre foi além do coloquial e se aventurou em direção à origem do verbo, em direção ao que P. Férida nomeou como o desenho da palavra. É onde psicanálise e literatura se encontram.

Lacan pensa a literatura de vanguarda como o encontro entre saber e verdade. Claro, pois o pensamento são “palavras que introduzem no corpo algumas representações imbecis”². Algumas páginas adiante, afirma: “De minha parte, faço o esforço de produzir qualquer sentido com qualquer palavra em uma frase”³.

Não por acaso Joyce levou Lacan a uma clínica onde o real, aquilo que não cabe na linguagem, passa para primeiro plano. É quando Lacan formula o conceito de *sinthome*, introduzindo um quarto elemento na tríade Imaginário-Simbólico-Real.

1 J. Joyce, Augusto e Haroldo de Campos, *Panaroma do Finnegans Wake*, p. 53.

2 J. Lacan, A terceira, in *A terceira*, p. 18.

3 J. Lacan, *op. cit.*, p. 40.



*o sintoma, como
fora-discurso, vai
interrogar radicalmente
o fundamento mesmo
da psicanálise.
Miller afirma que é
essa questão que
conduz Lacan a Joyce*

O que Lacan quis fazer com Joyce? É esta a pergunta que Jacques Alain Miller faz no “Prefácio” ao importante livro *Joyce avec Lacan*⁴, coordenado por Jacques Aubert. Para exemplificar a amizade, Miller conta ter visto Aubert e Lacan de braços dados pela rue de Lille.

Roudinesco nos conta que Aubert convidou Lacan para um simpósio internacional sobre Joyce que aconteceria em Paris. Lacan aceitou. Roudinesco relata que “16 de junho, no grande anfiteatro da Sorbonne, Lacan toma a palavra” e faz uma curta intervenção intitulada “Joyce o sintoma”⁵. Depois, em 1975-1976, dedicou todo o seminário à vida e obra de James Joyce. Nomeou o seminário “Le sinthome”. Roudinesco relata que Lacan consultou dicionários especializados e descobriu que *symptôme* antes era escrito *sinthome*. Sinthome faz homofonia com saint homme, homenagem a uma ideia joyceana de redenção pela escrita. E mais: “*sin* (pecado), *homme* ou *home* (*home rule*, lei de autonomia no combate pela independência irlandesa), e enfim *Saint Thomas*”⁶. Segundo Roudinesco, Joyce havia tomado de São Tomás de Aquino uma teoria da criação derivada de “*claritas*, onde o objeto revela sua essência ao tornar-se a coisa mesmo”⁷. É em Ulisses que Joyce

expõe essa teoria, já chamada *epifania* (aparição) em seus primeiros escritos. Para Roudinesco, em Lacan a epifania tornava-se *sinthoma*, ou “esplendor do ser”⁸.

Jacques Alain Miller faz todo um percurso no “Prefácio” acima citado: a partir da definição de significante, introduz a letra, única forma de dar conta da escrita. Um significante não é o signo. O destino da letra se disjunta da função do significante. Uma letra é o signo, mas não por seu efeito de significado, mas por “sua natureza de objeto”⁹. Ou seja, “a função da fala não esgota o que é do campo da linguagem”¹⁰.

O sintoma, como fora-discurso, vai interrogar radicalmente o fundamento mesmo da psicanálise. Miller afirma que é essa questão que conduz Lacan a Joyce, levando a interrogar a psicanálise no campo da linguagem a partir da escritura¹¹. Miller conclui o prefácio afirmando que o Sintoma-Joyce inanalizável “coloca em questão o discurso do analista”¹². Joyce maneja a letra fora dos efeitos de significado.

Caetaneando Joyce

Gosto de sentir a minha língua roçar a
língua de Luís de Camões
Gosto de ser e de estar
E quero me dedicar a criar confusões de prosódia
E uma profusão de paródias que encurtem dores
E furem cores como camaleões
Gosto do Pessoa na pessoa
Da rosa no Rosa
E sei que a poesia está para a prosa
Assim como o amor está para a amizade
E quem há de negar que esta lhe é superior
E deixe os Portugais morrerem à míngua
Minha pátria é minha língua
Fala Mangueira! Fala (líá)

Flor do lácio Sambódromo
Lusamérica, latim em pó
O que é que pode esta língua?



Vamos atentar para a sintaxe dos paulistas
E o falso inglês relax dos surfistas
Sejamos imperialistas! Cadê?
Vamos na velô na dicção do choo-choo de Carmen Miranda
E que o Chico Buarque de Holanda nos resgate
E xeque-mate
Explique-nos, Luanda

Ouçamos com atenção os deles e os delas da tv Globo
Sejamos o lobo do lobo do homem
Adoro nomes
Nomes em “a”
De coisas como rã e imã
Imã imã imã imã imã
Nomes de nomes...¹³

Atentemos às primeiras frases: “Gosto de sentir a minha língua roçar a língua de Luís de Camões...”. Fica instaurada a confusão entre a materialidade da língua da boca, órgão dos sentidos responsável pelo paladar, e a língua portuguesa, conjunto de signos e gramática que possibilitam a comunicação entre os sujeitos nascidos em terras cuja história levou à adoção dessa língua e não de outra. É a língua da boca, movimentando-se em uma fala, que quer roçar a língua de Luís de Camões, quer roçar o português originário e quer “melecar” a pureza castiça. Um dos capítulos do livro de Caetano W. Galindo, *Latim em pó*, toma exatamente a frase de Caetano “...roçar a língua de Camões” para afirmar que as línguas mudam. Relata Galindo

um dos capítulos do livro de Caetano W. Galindo, Latim em pó, toma exatamente a frase de Caetano “...roçar a língua de Camões” para afirmar que as línguas mudam. Relata Galindo que “as línguas dos sonetos de Camões pareceriam uma barbaridade para um usuário da forma clássica da língua de Roma”

que “as línguas dos sonetos de Camões pareceriam uma barbaridade para um usuário da forma clássica da língua de Roma”¹⁴. Camões, segundo Galindo, reclamava dessas mudanças. As mudanças agridem: “A mudança que acontece diante dos meus olhos é aquela que me agride”¹⁵.

Caetano quer criar confusões de prosódia: “É uma profusão de paródias que encurtem dores/E furtem cores como camaleões”. O criador instaura confusões e transformações. A prosódia é a parte da linguística que estuda a entonação e o ritmo, o acento (intensidade, altura, duração) da linguagem falada. É o afeto, a língua da ternura, para citar Ferenczi. A língua da mãe, o manhês, para citar Christine Laznick. Zeca Baleiro, em ensaio intitulado “Esta dona prosódia”¹⁶, enumera várias transgressões gramaticais presentes em alguns clássicos de nossa música popular. Afirma: “Me agrada a barafunda infinita das palavras de nosso idioma inesgotável e gosto de me perder em suas mil e uma possibilidades de entonação e divisão”¹⁷. Dá como exemplo o verso de “Chega de saudade”: “Pois há de ser milhões de beijos, apertado assim, calado assim...”. Vinícius de Moraes, sabiamente, rompeu a gramática e deixou no singular o “apertado” e o “calado”.

4 J.A. Miller, “Prefácio”, in J. Aubert, *Joyce avec Lacan*.

5 E. Roudinesco, *Jacques Lacan, esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*, p. 371.

6 E. Roudinesco, *op. cit.*, p. 372.

7 E. Roudinesco, *op. cit.*, p. 372.

8 E. Roudinesco, *op. cit.*, p. 372.

9 J.A. Miller, *op. cit.*, p. 10.

10 J.A. Miller, *op. cit.*, p. 10.

11 J.A. Miller, *op. cit.*, p. 11.

12 J.A. Miller, *op. cit.*, p. 12.

13 C. Veloso, “Língua”. Disponível em: <vagalume.com.br>.

14 C.W. Galindo, *Latim em pó*, p. 33-34.

15 Camões, *apud* C.W. Galindo, *op. cit.*, p. 34.

16 Z. Baleiro, “Esta dona prosódia”. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/esta-dona-prosodia/>.

17 Z. Baleiro, *op. cit.*



como grafar para
evitar que o masculino
continue a determinar
a apreensão do mundo?
Por que uma língua
não pode ser
reinventada? Há algo
de uma realidade
que tem que caber nos
jeitos que temos
de nos expressar.

Caetano quer romper a gramática e criar. Para encurtar a dor valem paródias, prosódias, furto de cores, ser camaleão. O latim vira pó e ressurge numa língua própria onde cabe o inglês dos surfistas. Rosa e a rosa, a pessoa e Pessoa, nesses criadores (Noel Rosa, Guimarães Rosa e Fernando Pessoa) a palavra se torna a própria coisa, em epifanias múltiplas, para utilizar uma linguagem joyceana.

“Explique-nos, Luanda.” Nessa súplica a Luanda, não há como não remeter ao *pretuguês*, conceito lindamente desenvolvido por Lélia Gonzalez e retomado por Pedro Ambra no ensaio “O lugar e a fala: a psicanálise contra o racismo em Lélia Gonzalez”¹⁸. Pedro Ambra nos conta de como Gonzalez retoma o conceito de *amefricanamente ladina*, de M.D. Magno, para se referir à cultura brasileira. Haveria uma “denegação de nossa latinoamerifricanidade” levando ao racismo, em um ataque àqueles “que são testemunho vivo da mesma...”¹⁹.

Pedro Ambra observa como, para Gonzalez, o “falar errado” da população negra não é uma violência em si, mas a prova de que “no Brasil não se fala português, mas *pretuguês*”. É por uma análise da “materialidade da fala em sua enunciação que a

autora chega à construção de uma verdadeira ‘inversão de lugares’”.

É interessante o exemplo que Ambra dá a partir de sua reflexão sobre a palavra *bunda*, “objeto parcial por excelência da cultura brasileira”: “esse termo provém do quimbundo que, por sua vez, e juntamente com o ambundo, provém do tronco linguístico bantu que ‘casualmente’ se chama *bunda* [...]. De repente *bunda* é língua, é linguagem, é sentido, é coisa...”²⁰.

Em vez de simplesmente criticar a objetificação e redução de um sujeito à sua *bunda*, Gonzalez vai buscar no mecanismo mesmo de ocultação desse desejo a marca de sua verdade.

Caetano pede que Luanda nos explique a barafunda de misturas e invencionices presentes em homenagens esdrúxulas que misturam tempos e autorias mil.

“E deixe os Portugais morrerem à míngua/ Minha pátria é minha língua.” Uma pátria latinoamerifricana de infinitas possibilidades de metamorfoses e criações.

Sejamos imperialistas, sejamos o lobo do lobo do homem. Devoração antropófaga oswaldiana.

Todes?

Essas reflexões surgem a partir de dúvidas e hesitações que sempre tenho quando vou fazer uma referência... a todos e todas e todes e todxs. Como grafar para evitar que o masculino continue a determinar a apreensão do mundo?

Por que uma língua não pode ser reinventada? Há algo de uma realidade que tem que caber nos jeitos que temos de nos expressar.

Sempre leio e admiro os ensaios de Leda Tenório, cujo sólido percurso venho acompanhando há anos. Por isso mesmo achei importante refletir sobre o ensaio “O engano de todes” publicado no jornal eletrônico “A terra é redonda”²¹.

Leda parte da constatação do uso cada vez mais frequente da fórmula: “Boa noite a todos, todas e todes” em falas que se pretendem

politicamente corretas. Depois de assim definir o escopo de seu ensaio, cita uma passagem de Paul Valéry, onde, a partir da referência a uma falta de linguagem assinalada por Mallarmé, cita um embate entre um cientista e um aristocrata,

“O poeta retoma aí reminiscências do astrônomo Arago acerca de uma estranha conversa que este último teve, em algum momento do ano de 1840, quando dirigia o Observatório de Paris, com uma augusta figura procedente do então Palácio das Tulherias. A principesca criatura dirigia-se ao velho estabelecimento do século XVII, para pedir ao sábio deste outro reino terrestre que lhe mostrasse o céu mais de perto”. Arago estende o telescópio para atender o mais prontamente o ilustre visitante e o convida a contemplar através de suas lentes a mais bela das estrelas: Sirius. Depois de espiar por algum tempo o firmamento, Monsenhor volta-se para o homem que o recepciona e, com a fisionomia confidencial e o sorriso cúmplice de alguém que não se deixa enganar, pergunta: “Cá entre nós, Senhor Diretor, o Senhor tem certeza absoluta de que essa magnífica estrela se chama realmente Sirius?”²²

A partir daí, Paul Valéry pondera: toda palavra é abismo sem fim.

Leda aponta que “o desconfiado visitante que pega o preparado pesquisador de surpresa nada menos faz que colocar, a seu modo, o quesito semiótico do ajuste ou não ajuste entre o representante e o representado”²³, entre a palavra e a coisa.

Depois de citar Platão, Foucault, Lacan, Leda chega a Paul Preciado, a quem critica ferozmente. Localiza Paul Preciado como aluno de

»

*a ruptura que há
no modo como o corpo
passa a ser pensado fica
reduzida ao sonho de
uma linguagem neutra.
O diferir permanente no
pensamento de Derrida
implica invencionices
que possam criar
mundos novos.*

Jacques Derrida. É preciso lembrar que Derrida foi o pensador da desconstrução, tendo criado o importante conceito de *différance*, que poderia ser traduzido como diferença, movimento de infinito diferir.

Leda Tenório, a partir da constatação de Paul Preciado em *Texto junkie*²⁴ de que nossos corpos vêm sendo dominados pela tecnologia e pelo regime farmacopornográfico, propõe a apropriação desse instrumento para uma oposição e para a construção de um corpo sem marcas identitárias. Sem marcas identitárias não significa a eliminação das diferenças! É preciso inventar as diferenças. Letícia Lanz, no documentário que dirige, *De gravata e unha vermelha*, afirma: “Por que definirmos a humanidade por aquilo que se tem entre as pernas? Por que não pode ser o tamanho do nariz, a cor do cabelo...”²⁵.

Estranhamente, embora pensadora competente e que admiro, Leda aqui nesse texto não faz jus à complexidade do pensamento de Preciado. A ruptura que há no modo como o corpo passa a ser pensado fica reduzida ao sonho de uma linguagem neutra. O diferir permanente no pensamento de Derrida implica invencionices que possam criar mundos novos.

18 L. Gonzalez, apud P. Ambra, “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 235.

19 L. Gonzalez, “A categoria político-cultural da amefricanidade”, *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, jan./jun. 1988, p. 69 (apud P. Ambra, *op. cit.*)

20 L. Gonzalez, apud P. Ambra, *op. cit.*, p. 238.

21 L. Tenório, “O engano do todes”. Disponível em: <<https://aterraeronda.com.br/o-engano-do-itodes-i/>>.

22 L. Tenório, *op. cit.*

23 L. Tenório, *op. cit.*

24 P.B. Preciado, *Texto junkie*.

25 M. Chnaiderman, *De gravata e unha vermelha*, documentário, 2014.



e quando falamos?
 Como quebrar a hegemonia
 política inerente à fala?
 Todes, esteticamente,
 não convence.
 É feio? Mas, como
 Galindo nos fala,
 toda mudança fere.

A questão que vem sendo colocada em relação ao uso dos pronomes não pretende chegar a uma linguagem neutra, mas busca a criação de uma língua que possa ser crítica e não se submeter a uma organização criada a partir do patriarcado.

Grada Kilomba, na “Carta da autora à edição brasileira” para o livro *Memórias da plantação*, afirma que “a língua, por mais poética que possa ser, tem também uma dimensão política de criar, fixar relações de poder e de violência...”²⁶. A seguir enumera várias palavras que em inglês não têm gênero mas que em português foram reduzidas ao gênero masculino. Algumas ela escolheu deixar em itálico (sujeito, objeto). Para *Other* em inglês escreveu outra/o. Assim também *Negra/o*, e vários outros.

E quando falamos? Como quebrar a hegemonia política inerente à fala?

Todes, esteticamente, não convence. É feio? Mas, como Galindo nos fala, toda mudança fere.

O bajubá

Neca: romance em bajubá é o nome do livro de Amara Moira publicado pela Companhia das

Letras. Amara Moira já havia publicado *E se eu fosse puta* pela N-1 Edições²⁷. No “Retorno da puta, apresentação dessa nova edição” ficamos sabendo que o livro fora publicado antes como *E se eu fosse puRa*. Citando Amara: “com esse erro bem destacado em cima do têzinho, bem ratura, censura mesmo – a versão ‘errada’ como a denominei”²⁸.

Amara Moira escolheu ser travesti. Uma escolha que é política também. Uma escolha que se dá concomitantemente à sua entrada no doutorado. Mas, em vários depoimentos, afirmou saber que, se transicionasse na adolescência, talvez não chegasse ao doutorado.

É importante a dissertação de mestrado de Ana Carolina Biscolla de Freitas na UNESP, de São José de Rio Preto: *Enfim puta: uma análise da escrita de vida em E se eu fosse pura de Amara Moira*, defendida em 2024²⁹. Freitas quer refletir sobre a escolha de ser travesti e a escrita para Amara Moira. Toma um trecho de *E se eu fosse pura* para mostrar a importância que tem a escrita:

Sentada no ônibus a caminho de casa, quase madrugada, noite vazia e fria, celular em mãos, é assim que ganham corpo meus relatos, é assim que ganham cor, vida. O que acabei de viver, tudo ainda fresco na memória, a maquiagem borrada, gosto de camisinha na boca, o cheiro do cliente em meu rosto, não importa o que eu faça, o seu cheiro de homem já tão diferente do meu – serão os hormônios? Palavras-chave marcantes vindo à tona assim que me ponho a escrever, dentes, línguas, dedos, lábios, uma puxando a outra meio que naturalmente, o texto saindo do encontro delas, mas também desde antes, desde eu já na rua tramando amores, namorando olhares: travesti que se descobre escritora ao tentar ser puta e puta ao tentar bancar a escritora³⁰.

No segundo livro de Amara Moira, o bajubá é assumido. Não só a puta é assumida, mas a língua da puta travesti ganha destaque.

Amara Moira traduziu *Chuva Dourada sobre Mim*, de Naty Menstrual, travesti de Buenos Aires. Na apresentação “Uma tradução babadeira”,

conta que, ao ser procurada pela editora Diadorim para traduzir o livro de Naty Menstrual, impôs uma condição: “a editora teria que me autorizar a utilizar, na tradução, o bajubá, língua que foi se forjando no seio de nossa comunidade travesti...”³¹

Bajubá é “segredo” em iorubá. Funcionava como uma língua de segurança: “conversávamos entre nós sem sermos compreendidas por quem não é do meio (clientes, policiais, gente passando na rua, etc.), nos conta Amara Moira. “Hoje em dia travestis de norte a sul do país falam fluentemente o bajubá e até variantes regionais já começam a dar as caras, o que é maravilhoso”³².

Caetano W. Galindo escreve na contracapa de *Neca*: “Triunfante batismo do pajubá (bajubá? Jenessepá!) como linguagem literária de invenção, subversão e diversão”.

O bajubá nasce a partir de um duro cotidiano de sobrevivência de travestis que vivem perigosamente em um país com índices atrozes de assassinatos com requintes de crueldade. E transforma-se em linguagem literária!

Transcrevo aqui o primeiro parágrafo de *Neca*: “Passada! O oco, cê acredita que ele pediu prá eu nenar na neça dele? Ainda bem que na neça e não na boca; porque cê sabe que tem. Nenar nenar, mona, que chequinho no truque nada...”³³.

No site da sua editora, Cia. das Letras, Amara Moira conta de uma conversa que teve com Jefferson Tenório, autor premiado, e a lembrança dele de que “O Grande Sertão: Veredas de Guimarães Rosa começa com nonada, essa palavra tão enigmática”. E afirma Amara: “meu livro

»

*Bajubá é “segredo”
em iorubá. Funcionava
como uma língua de
segurança: “conversávamos
entre nós sem sermos
compreendidas por quem
não é do meio
(clientes, policiais,
gente passando na rua, etc.),
nos conta Amara Moira.*

começa com uma nenada. Não imaginava que essa palavra entraria nesse intertexto com Guimarães Rosa...”³⁴

Esse importante trabalho de Amara Moira com o bajubá não pode deixar de ser relacionado à sua tese de doutorado defendida na Unicamp sobre as onomatopeias em Joyce.

A tese *A indeterminação dos sentidos em Ulysses de James Joyce* foi defendida em 2018. No resumo que encontramos nos arquivos da Unicamp, ficamos sabendo que Amara Moira se deteve nas onomatopeias, nas junções inesperadas de letras e que questionam a relação entre sentido e não sentido. Cito aqui a descrição feita no resumo da tese:

as onomatopeias costumam passar algo despercebidas pela crítica, ainda que alguns dos seus mais interessantes nomes frequentemente revelem fascínio seja pelo caráter inusitado desses compostos, seja pela precisão que parecem espelhar. No entanto, apontamentos recentes vêm demonstrando que essas junções inesperadas de letras, para além de quaisquer propósitos de apuro ou estranhamento, propósitos já em si mesmos altamente experimentais, acabam também por impor um diálogo irônico, equívoco com a própria narrativa em que estão enredadas...³⁵

26 G. Kilomba, *Memórias da plantação*, p. 14.

27 A primeira edição foi lançada pela editora Hoo em 2018.

28 A. Moira, “O retorno da puta: apresentação da nova edição”, in *Neca: romance em bajubá*, p. 11.

29 A.C.B. Freitas, *Enfim puta: uma análise da escrita de vida em “E se eu fosse pura” de Amara Moira*.

30 A. Moira, *E se eu fosse pura*, p. 21.

31 A. Moira, “Uma tradução babadeira”, in N. Menstrual, *Chuva dourada sobre mim*, p. 9.

32 A. Moira, *op. cit.*, p. 9.

33 A. Moira, *Neca*, p. 7.

34 Depoimento no Instagram da Companhia das Letras.

35 Disponível em: <<https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/994821>>.



*LALANGUE, pode-se dizer,
é o oposto de não língua,
de privação de língua.
É antes uma língua
ênfaticada, uma língua
tensionada pela
“função poética”, uma língua
que “serve a coisas inteiramente
diversas da comunicação”*

Joyce e Amara Moira passam a comungar os mistérios de uma escrita que é pura letra. Balífulo e bajubá se conjugam em invencionices encantadoras.

Lalíngua: assumindo essa barafunda

O texto de Haroldo de Campos, “O afreudisiaco Lacan na galáxia de lalíngua” foi publicado na coletânea organizada por Oscar Cesarotto³⁶. Haroldo já havia publicado na revista *isso/Dispensa Freudiana*, dirigida em Belo Horizonte pelos psicanalistas Sérgio Laia e Wellington Tibúrcio, o texto “Barrocolúdio Transa Chin?” ou “Freud via Lacan circun-via Joyce” ou “Làonde iss’estava dev’eurei devir-me”. Haroldo assume a barafunda na medida em que vai livremente inventar jeitos de trabalhar o texto tanto de Lacan quanto de Freud, polemizando com as traduções que, na busca de uma fidelidade a Freud, perderam o poético e inventivo. Toda essa polêmica está muito bem exposta na discussão que houve entre Haroldo e Laplanche³⁷, quando da estadia deste em São Paulo a convite do Departamento de Psicanálise do Sedes.

Uma das polêmicas que estão nesse texto de Haroldo é a tradução do conceito lacaniano de *lalangue*.

A noção de *lalangue* aparece pela primeira vez em *O aturrito*, mas é no Seminário *Mais, ainda* (1972-73) que Lacan melhor desenvolve esse conceito. Refere-se à *lalangue* nas aulas de 13 de março, 8 e 15 de maio de 1973, e na aula de 26 de junho. “A linguagem é apenas aquilo que o discurso científico elabora para dar conta do que chamo de *lalangue*”³⁸, diz Lacan. Na última aula do Seminário xx, Lacan fala que o ponto chave de seu ensino naquele ano foi afirmar que a linguagem é uma elucubração de saber sobre *lalangue*, enquanto o inconsciente é um saber-fazer sobre *lalangue*.

Lalíngua é sobretudo a morte do signo que ela veicula, tem a ver com afetos.

Haroldo de Campos retoma esse mesmo último capítulo do seminário 20 *Mais ainda*, “O rato no labirinto”. Começa discordando da tradução de M.D. Magno, que preferiu “alíngua” para *lalangue*. Afirma:

Aqui, desde logo, discrepo da tradução que vem sendo proposta em português para esse neovocabulo: *alíngua*. Diferentemente do artigo feminino francês (LA), o equivalente (a) em português, quando justaposto a uma palavra, pode confundir-se com o prefixo de negação, de privação (*afasia*, perda do poder de expressão da fala; *afásico*, o que sofre dessa perda; *apatia*, estado de indiferença; *apático*, quem padece disso [...]). Assim, *alíngua* poderia significar carência de língua, de linguagem [...]. Ora, *LALANGUE*, pode-se dizer, é o oposto de não língua, de privação de língua. É antes uma língua ênfaticada, uma língua tensionada pela “função poética”, uma língua que “serve a coisas inteiramente diversas da comunicação”.

Haroldo propõe traduzir *lalangue* por *lalíngua*:

prefiro *LALINGUA*, com LA prefixado, este LA que empregamos habitualmente para expressar destaque quando nos referimos a uma grande atriz, a uma diva (la Garbo, la Duncan, la Monroe). *Lalia*, *lalação*, derivados do grego *laléo*, têm as acepções de “fala”, “loquacidade”, e também por via do latim *lallare*, verbo onomatopaico, “cantar para fazer dormir as crianças” (Ernout/Meillet); *glossolalia*

quer dizer: “dom sobrenatural de falar línguas desconhecidas”.

O sinthome surge como algo que singulariza e estabelece rastros em direção à língua. Língua como ultrapassamento da linguagem em direção ao corpo.

“O sentido do sintoma é o Real”³⁹. Rasgo em direção a um real. Língua é ancestral, rejeitada pela linguagem. Em *A terceira*, Lacan afirma que seria algo da ordem do vegetal.

A criação acontece quando a palavra ultrapassa a linguagem. Há que ter coragem para tanto. É o que os inventores de línguas infinitas nos ensinam.

Encerro com a linda tradução que Haroldo faz do *WO ES W AR, SOLL ICH W ERDEN: LÀONDE ISS’ESTAVA DEV’EUREI DEVIR-ME*.

Làonde, vocábulo que aponta profundezas desconhecidas onde o eu mergulha em seu advir permanente.

Sinthoma é significativo que não leva a nenhum signo. O gozo que antecede a linguagem. Por isso sinthoma e não sintoma.

A invenção cria novos territórios.

Como disse Caetano Galindo em *post* no seu Instagram, todes, todos ou todas, não altera o mundo. “Alterar o idioma não vai alterar nada,

»
encerro com a linda
tradução que Haroldo faz
do *WO ES W AR, SOLL ICH
W ERDEN: LÀONDE ISS’ESTAVA
DEV’EUREI DEVIR-ME*.
Làonde, vocábulo que
aponta profundezas
desconhecidas onde o eu
mergulha em seu
advir permanente.

[...] é cosmética”. O importante é que tudo isso esteja sendo discutido e que formas de vida inventadas, construídas e vividas estejam ganhando espaço em nosso mundo.

Mas, penso eu, muitas vezes um artigo gramatical usado de forma inusitada leva a rupturas na linguagem estabelecida introduzindo a possibilidade do novo. É o que aprendi com Haroldo de Campos.

36 “O afreudisiaco Lacan na Galáxia de Língua (Freud, Lacan, a Escrita)”, in O. Cesarotto, *Ideias de Lacan*.

37 H. Tabacof et al., “Traduzir: Jean Laplanche & Haroldo de Campos”, *Percurso* 56/57, jun./dez. 2016. Disponível em: <<https://www.bivipsi.org/wp-content/uploads/percurso-2016-56-57-6.pdf>>.

38 J. Lacan, *O Seminário livro 20, mais, ainda*, p. 18.

39 J. Lacan, *A terceira*, p. 26.

Referências bibliográficas

- Ambra P. (2016). O lugar e a fala: a psicanálise contra o racismo em Lélia Gonzalez, *Lavra-palavra* n. 20. [Originalmente publicado em *Sig Revista de Psicanálise* n. 14, maio 2020.] Disponível em: <<https://lavrpalavra.com/2020/11/16/o-lugar-e-a-fala-a-psicanalise-contra-o-racismo-em-lelia-gonzalez/>>. Acesso em: 21 abr. 2025.
- Baleiro Z. (2013). Essa dona prosódia, *Piauí*, 17 out. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/esta-dona-prosodia/>>.
- Campos H. (1995). O afreudisíaco Lacan na Galáxia de Lalingua. (Freud, Lacan, a Escritura). In Cesarotto O. (org.) *Ideias de Lacan*. São Paulo: Iluminuras.
- _____. (1989). “Barrocolúdio Transa Chin?” ou “Freud via Lacan circun-via Joyce” ou “Làonde iss’ estava dev’ eurei devir-me”, *Isso/Dispensa Freudiana* n. 1.
- Freitas A.C.B. (2024). *Enfim puta: uma análise da escrita de vida de A. Moira*, “E se eu fosse pura”. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas (Ibilce), São José do Rio Preto, 2024. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/entities/publication/7b8ea2d1-2bb5-4b88-bbdf-ef02946ea89>>. Acesso em: 23 maio 2025.
- Galindo C.W. (2022). *Latim em pó*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Joyce J.; Campos H. e A. (2001). *Panorama do Finnegans Wake*. São Paulo: Perspectiva.
- Kilomba G. (2019). *Memórias da plantação, episódios de racismo contemporâneo*. Trad. José Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó.
- Lacan J. (2023). *A terceira. Teoria de lalingua*. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. (1975). *O seminário, livro 20, mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Miller J.A. (1987). *Preface*. In Aubert J. *Joyce avec Lacan*. Paris: Navarin.
- Moira A. (2023). *E se eu fosse puta*. São Paulo: N-1.
- _____. (2024). *Neca: romance em bajubá*. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (2024). Uma tradução babadeira. In Menstrual N. *Chuva dourada sobre mim*. Porto Alegre: Diadorim.
- Preciado P. (2018). *Texto junkie*. São Paulo: N-1.
- Roudinesco E. (1994). *Jacques Lacan, esboço de uma vida, história de um sistema de Pensamento*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Tabacof H. et al. (2016). Traduzir: Jean Laplanche & Haroldo de Campos, *Percurso* 56/57, jun./dez. Disponível em: <<https://www.bivipsi.org/wp-content/uploads/percurso-2016-56-57-6.pdf>>. Acesso em: 23 maio 2025.
- Tenório L. O engano do todes. Disponível em: <<https://aterraeredonda.com.br/o-engano-do-itodes-i/>>. Acesso em: 21 abr. 2025.

The balífulo and the bajubá: body and letter from Joyce and Amara Moira

Abstract A reflection drawing from texts by J. Joyce and Amara Moira, through the lens of Caetano Veloso, on the possibility of infinite creation within language itself. Portuguese becomes *pretuguês* (as proposed by Lélia Gonzalez) and *bajubá* (the language of *travestis*, used by Amara Moira in her novel).

How can we break with the hegemony of patriarchy in our language? Recognizing that every language carries a political and ideological dimension, Lacan with Joyce and Amara Moira with Joyce point to paths that rupture the comfortable daily rhythms in which we move. Reclaiming the *letter* toward *lalingua* and thinking the *sinthome* as Lacan proposes opens up unexpected possibilities for ways of being in the world.

Keywords Lalingua; language; sinthome; speech; letter; body; sign; *travesti*.

Texto recebido: 02/2025.

Aprovado: 04/2025.